

GHETTO COLLETIV

Ghetto, um corpo que corre

Em 2013 nasce o Movimento Ghetto – somos dezenas de trabalhadores da arte, cultura e desenvolvimento de potências – Júnior Negao aka JN aka Fúria é fundador e ‘curandeiro’.

Dez anos não são dez dias. O Ghetto Run Crew saiu à rua para reivindicar espaços do subúrbio carioca pela primeira vez em 27 de julho de 2013. As esquinas da zona Norte, principalmente à noite, eram então pouco convidativas para o tráfego cotidiano, quiçá para a prática de algum esporte. Visando protagonizar corpos pretos, mulheres, suburbanos, excluídos e marginalizados de alguma forma, como estratégia de defesa, aparelhagem de um ambiente de partilhas e prática coletiva de exercício físico, inicia-se um processo de ocupação na Abolição e Engenho de Dentro utilizando a ferramenta Corre, calçar um tênis e correr, estabelecendo integração e trocas. Personas representativas da Rua vieram de vários lugares para ações em protesto contra o apagamento e invisibilização de potências suburbanas.

Hoje essa comunhão semanal leva esses Corres para Vila Vintém, Madureira, Central do Brasil, São Paulo, Minas Gerais, Londres e muitos outros territórios onde corpos suburbanos não podem correr livres de suspeitas do aparato de ‘segurança’ pública.

Corremos juntos, na rua, para firmar nossos pés no chão e contar nossas histórias. A Ghetto Colletiv surge com esse propósito, a partir da máxima: se não nos dão espaço para nossas potências e nossas pautas, tentam ignorar a capacidade e relevância da cultura suburbana, criaremos nós um lugar de economia criativa, pesquisa e memória, alimento para novos tempos.

Reunimos talentos/representatividades, usando as ferramentas de ocupação e a metodologia criada pelo Ghetto como produtos e serviços que sustentem financeiramente essa cadeia produtiva, promovendo a visibilidade da cultura suburbana, estabelecendo que periferia é *status* diaspórico, discutindo pautas conectadas com nosso DNA, Arte e Território é uma delas.

Figura 1

Arte na Rua Madureira, 2019
(primeira vez no Rio de Janeiro
obras de ex-pichadores para
a Artes Visuais) | Paineis
"Potência da Escrita"
Artistas: Kel, Gocal e Tex |
Fotografia: Sergin

“O que forma a consciência artística de personalidades do subúrbio é justamente o território” (Junior Negao, 2023).

Em 2015, respondendo à provocação “Qual é o seu talento e o que você quer fazer com ele?”, revelou-se uma ‘falange’ de grafiteiros. Identificados com a verve dos artistas dos primórdios do Hip Hop de gritar a existência usando suportes urbanos como altar, montamos o cataclisma ATAQfatcap, projeto que reúne artistas suburbanos para ocupar espaços específicos da cidade, sob tema guiado por pesquisa e ‘curanderia’, e que ampliou as possibilidades de criação de plataformas para que possam falar por si.

Existe obviamente significativo ruído entre o que se espera *do* ‘corpo suburbano que corre’ e o que espera *o* ‘corpo suburbano que corre’.



Arte & Ensaios
vol. 29, n. 46,
jul.-dez. 2023



Figura 2
Da Minha Janela (primeira
vez no Rio de Janeiro obras
de um ex-pichador para a
Artes Confinadas), artista
Nelo, 2022 | Fotografia:
Vinni Modelo



Figura 3
Arte na Rua Niterói, 2018 |
Um dos maiores festivais
de *graffiti* de Niterói e Rio
de Janeiro | Fotografia: Aldo
Barranco

Paralela22: Quando a rua parou, nos recolhemos. No início da pandemia fixamos residência no terreiro da Arquias Cordeiro 808, Todos os Santos. Passamos dois anos reunindo obras e vínculos via videoconferência, até materializar em 2022 a exposição/festival de artistas e suas histórias montada em um satélite da “capital dos subúrbios da Central”. Usando a ‘Semana de 1922’ como referência do movimento de arte moderna brasileira que praticou antropofagia de muitos talentos suburbanos sem reconhecer suas presenças e memórias, nos preparamos não para estar contra, mas paralelos, uma outra coisa. Produção material e imaterial, pela perspectiva da cultura suburbana, mediada por personalidades suburbanas, para acessar mentes e corpos suburbanos. Se a primeira edição, com dez artistas e 17 obras, nos reservou memórias vívidas, a segunda, consideravelmente expandida, ainda está sendo digerida.

Figura 4
Paralela22, ano 22 |
Fotografia: Vinni Modelo





Figura 5
Paralela22, ano 23 |
Fotografia: Vinni Modelo

Setenta obras, de 32 criadores, expostas numa casa não cooptada pelo mercado tradicional de arte, trazendo contundência expográfica e em divulgação, nos sinalizam que a filosofia Ghetto se tornou metodologia aplicada, replicada e consagrada.

O Subúrbio enverga, mas não quebra justamente pela força ancestral, o respeito ao presente e o pensar num futuro livre. Assim, práticas, saberes e bens materiais e imateriais dos fractais que formam a cultura suburbana contribuem criação e fazeres sempre múltiplos e democráticos.

Nos sigam, entrem em contato; o aquilombamento é urgente em face de toda verticalização eurocentrista.

ghettocolletiv@gmail.com

<https://www.instagram.com/ghettocolletiv/>

Contribuição: Junior Negao, Gizza Nascimento e Heitor Alvarenga

Em todas as fotos a curanderia é de Júnior Negao,

a produção e o acervo, de Ghetto Colletiv

Como citar:

Ghetto, um corpo que corre. Dossiê Coletivo. *Arte & Ensaios*, Rio de Janeiro, PPGAV-UFRJ, v. 29, n. 46, p. 290-295, jul.-dez. 2023. ISSN-2448-3338. DOI: <https://doi.org/10.60001/ae.n46.18>. Disponível em: <http://revistas.ufrj.br/index.php/ae>.